

Patrimônio Cultural de Pernambuco

O Terreiro enquanto um espaço da memória afro-brasileira

O Sítio, Terreiro Obá Ogunté, é um conjunto de construções e de espaços sagrados destinados ao culto dos Orixás, seguindo o modelo litúrgico Nagô, genericamente conhecido como Yorubá, mantendo um elenco de divindades que são perpetuadas pela ortodoxia dos rituais, onde se destaca, entre muitas cerimônias, o chamado Presente de Iemanjá ou a Panela de Iemanjá. O Terreiro é consagrado a Iemanjá, divindade das águas, em especial das águas do mar. Une-se, assim, à realidade da cidade do Recife, entrecortada de rios e com um litoral atlântico, com o patronato de Iemanjá. As águas compartilham do cotidiano do recifense, e Iemanjá também está presente neste cotidiano, indivisível do sagrado e do profano.

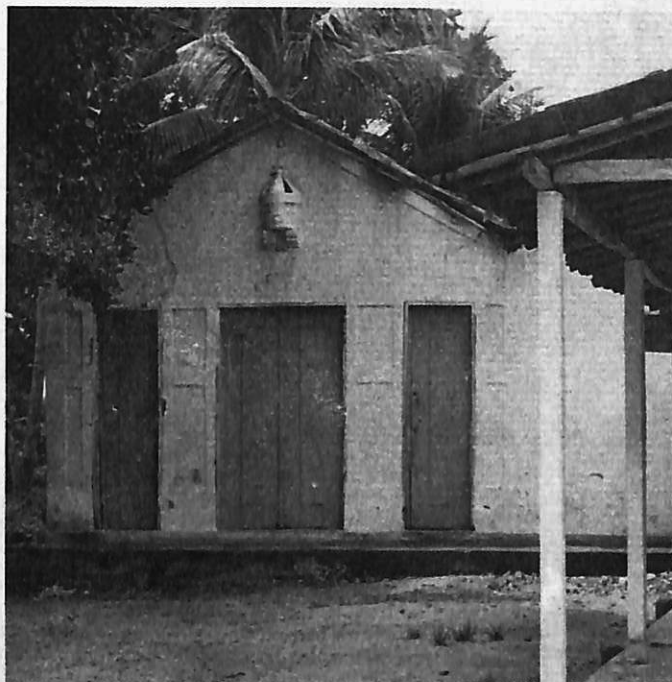
O Terreiro é o local das reuniões, é o local onde são reativados os laços de parentesco de santo, os laços de parentesco consanguíneo, onde são mantidos todos os elos necessários ao culto dos Orixás, suas liturgias, suas festas, comidas, danças, música vocal, música instrumental, indumentárias, vocabulários, posturas hierárquicas, sistemas de poder, processos adivinatórios, medicina, ludicidade, enfim é local onde a memória afro-brasileira é aquecida através dos rituais, que podem ser diários e cíclicos.

O Terreiro é ainda o espaço físico destinado à guarda das crianças e dos idosos, percebendo-se a organização assistencial no próprio sistema de poder do Terreiro. Tudo gira em torno da hierarquia. Os mais velhos, sabedores de rituais e conhecedores das histórias, são muito respeitados; por sua vez, as crianças são encaminhadas aos saberes da música, dança, brincadeiras, histórias, tendo sempre a referência básica, o Orixá, seu domínio, seu patronato, sua ação direta na vida do homem.

A Natureza no domínio do Sagrado

Num amplo conjunto de espaços sagrados do Terreiro, destaca-se a filolatria como um significativo momento religioso do culto aos Orixás. Aí vê-se a gameleira ou o pé de Iroco. Iroco, divindade que habita o tempo, é o próprio tempo meteorológico e cronológico, é o senhor da gameleira, árvore de grande respeito por parte dos adeptos do Terreiro. A gameleira é uma árvore sagrada e rara. No Recife, é este o único Terreiro que a possui e que mantém os preceitos rituais do culto ao Orixá Iroco.

A árvore tinha utilização de receber oferendas de Iansã ou Ojá, mulher mítica de Xangô e senhora dos ventos, das tempestades, sendo a única a lidar com os Eguns (mortos ancestrais). As pessoas mais antigas do Terreiro dizem que os Ojês, sacerdotes exclusivos do culto aos Eguns, descançavam à sombra do Iroco, gamelei-



Capela de Sta. Inês

Terreiro Obá Ogunté - Seita Africana Obaoumim -

Um patrimônio reconhecidamente de valor etnográfico para a cidade do Recife e o Estado de Pernambuco

ra, em verdadeiras e importantes posturas rituais de guardiães dos ancestrais. Destaca-se aí que, no Brasil, o culto dos Eguns ou Egunguns é mister restrito à ilha de Itaparica, Bahia, na comunidade de Amoreiras, onde existe o Terreiro do Ilê Agboula, dedicado ao culto dos ancestrais, mortos divinizados ou também dos ancestrais próximos como pais, mães e filhos-de-santo.

Ainda no campo da filolatria, observam-se no Terreiro as ervas litúrgicas, plantadas em jardim especial, contendo as principais folhas dos rituais, aquelas usadas nos amassis, nos abôs, nos banhos, nos sacudimentos, nas feituas de laôs, para os remédios mais simples e para os adornos do peji e do barracão de festas.

Dessa maneira, cada momento dos rituais tem um significado prescrito, há um conhecimento especial da comida, da música, das folhas, das pas-

sagens da iniciação; e para cada controle há um nível de conhecimento, há um cargo específico, determinado ao complexo da hierarquia sócio-religiosa. Esses cargos têm iniciações específicas e são ocupados por pessoas escolhidas pelos Orixás, e que também por vínculo familiar têm uma tradição da ocupação de determinados cargos no Terreiro. Isso é comum com os ogãs músicos, com os Olosões, sacerdotes de Ossãe, divindade das ervas litúrgicas e medicinais.

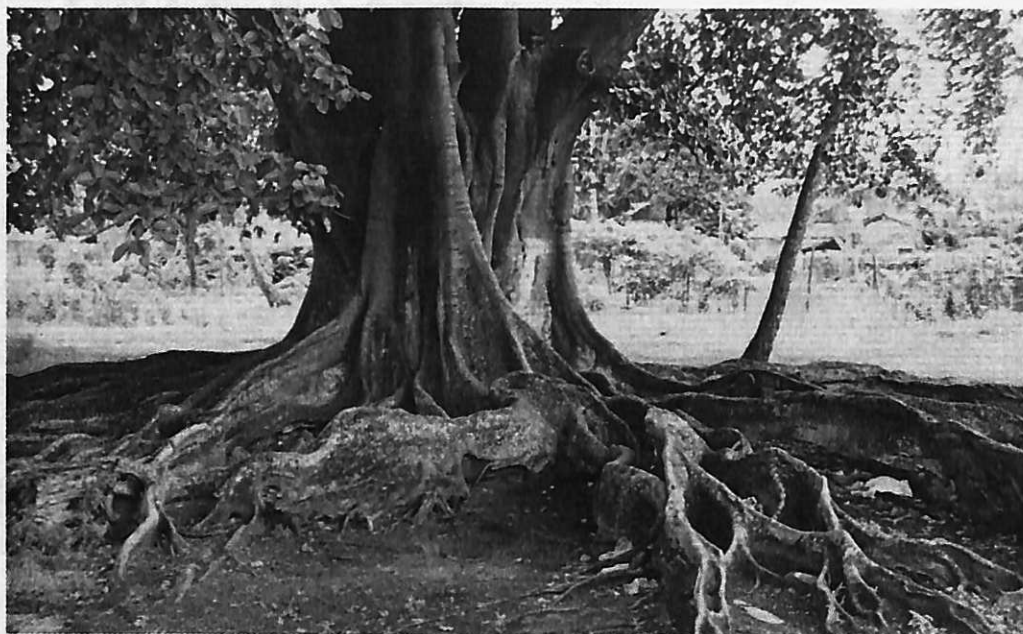
Notadamente no Terreiro Obá Ogunté, Nossa Senhora da Conceição é Iemanjá, passando a ser unificada uma divindade sincrética, a Nossa Senhora, a mãe, Iemanjá a mãe mítica, da qual nasceram os Orixás, após o incesto de Orungã, seu filho, o ar. A presença unificadora da maternidade caracteriza a santa e o Orixá; os domínios das águas, fonte da vida, fertilidade, tonificam a personalidade do novo personagem sincrético, havendo necessidade de revitalização dos rituais através dos cultos públicos às águas. Assim, é um constante voltar aos rios e às praias, é a íntima ligação vida e culto. É decisivamente o santo católico e o Orixá, juntos se apresentando como uma única divindade. Dessa maneira, 8 de dezembro é festa de Iemanjá, dia de Nossa Senhora da Conceição. Culminam aí as comemorações com a festa pública no Terreiro, quando é organizado o presente, a panela de Iemanjá, contendo perfumes, comidas, espelhos, fitas, sabonetes e muitas flores; o cortejo ritual sai do Terreiro, indo até um local determinado para a entrega do presente nas águas.

Todos os pais e mães-de-santo antigos do Recife afirmam que o costume de oferecer a panela de Iemanjá foi iniciado por Pai Adão, Terreiro Obá Ogunté, daí seguindo todos os terreiros filiados nas gerações de filhos-de-santo que, após os períodos de iniciação, têm aptidão para abrir sua Casa, ou seja, o novo terreiro: no entanto, os vínculos com a matriz são eternos.



Gameleira (Pé de Iroco)

Ac. 324022
Ex. 1
8550313



Gamelira (Pé de Iroco) — detalhe

Dessa forma, no Recife, o Terreiro Obá Ogunté é o primeiro a fazer o seu presente, panela de Iemanjá, o que é seguido por ordem hierárquica dos terreiros filiados; não havendo coincidência de datas, há uma preparação de calendário; primeiro, o Sítio, depois, os terreiros filiados mais antigos, e assim, sucessivamente.

Pai Adão - um grande líder religioso

Dentre os dirigentes do Terreiro Obá Ogunté, destaca-se Felipe Sabino da Costa, Pai Adão, Opéotatan ou também conhecido como Oxirê Obá. Importante pai-de-santo que zelou com rigor e conhecimento sobre os Orixás, seu culto e sua ética diante dos adeptos, e muito dignificou o Terreiro, transferindo importantes informações religiosas aos seus auxiliares mais diretos. Nota-se que o pai de Felipe Sabino da Costa era Alapinim, ou seja, sacerdote dos Eguns, o que muito orientou no culto dos ancestrais, motivando seu filho a ir à África, em especial Lagos, Nigéria; isto aconteceu em 1906, viajando via Lisboa.

Pai Adão muito reanimou os cultos do Recife, tendo passado inclusive por Salvador e Maceió: assim, assumia, indiscutivelmente, liderança reli-

giosa na região, sendo respeitado e tido como alto conhecedor dos Orixás e dos fundamentos religiosos. Pai Adão foi tão importante para o Terreiro Obá Ogunté que popularmente esta comunidade é conhecida como o Terreiro do Pai Adão.

Na época de Pai Adão privaram da sua amizade Gilberto Freyre, Ulisses Pernambucano, Gonçalves Fernandes, entre outros intelectuais, que já reconheciam e tinham no Terreiro Obá Ogunté um importante pólo da produção sócio-cultural do homem afro-pernambucano.

Tão importante foi Pai Adão para a comunidade do Terreiro, que o elenco de Orixás cultuados em sua época, bem demonstrava o alto conhecimento religioso que possuía, seguindo a ortodoxia dos rituais Nagô. Assim, eram preservados os fundamentos dos seguintes Orixás: Exu, Ogum, Odé, Otím, Oxumaré, Abaluaíê, Nanã-Burucu, Ewá, Obá, Oxum, Iemanjá, Iamassi, Dadá, Baianin, Oraminhá ou Oramim, Xerê, Xangô, Oia ou Iemesá e Orixalá.

O Terreiro e a cidade do Recife

O Terreiro, como complexo sócio-religioso, não se isola da sociedade

não-religiosa; muito pelo contrário, integra-se, participa, atua, estabelece ligações permanentes com a economia, com os padrões sociais, interferindo nos comportamentos e posturas das pessoas, nas suas famílias, nos seus trabalhos, enfim na vida cotidiana.

O Terreiro, como um pólo de elaboração e processamento cultural, reúne e transmite os conhecimentos da cultura religiosa por excelência, cultura esta fundamentada nos fazeres da vida, de maneira integrada, decidindo na fisionomia não apenas da comunidade, Terreiro, mas da cidade do Recife.

Assim, no caso do Terreiro Obá Ogunté, tem-se por tradição a procissão de São João Batista, no mês de junho, a novena de Santo Antônio e o Pastoril com o presépio, em dezembro. Dizem os antigos que também faziam roda de coco, batendo com as mãos, substituindo os ilus, instrumentos musicais sagrados; pela pantomima, buscava-se a camuflagem dos rituais aos Orixás, ressaltando-se aí a preocupação em manter a essência da religião, buscando na forma exterior da dança, marcada pelo sentido da ludicidade, a maneira fundamental de manter a identidade, o mais impor-

tante culto aos Orixás. As festas católicas à maneira do Terreiro começavam em janeiro, com a novena de São Sebastião, e continuavam em maio, com a Virgem da Conceição. Tudo acontecia na Capela de Santa Inês. A capela é um espaço sagrado, cultuado e tido como uma verdadeira reprodução da igreja enquanto um prolongamento natural do pensamento sincrético do Terreiro.

O espaço do Terreiro é também o depósito de objetos religiosos, que, além de guardar, mantém a sacralidade dos utensílios, como as lanças, machados, zabumbas, calungas; objetos integrantes dos Maracatus Africanos, de Baque Virado ou de Nação, que encontram no Terreiro a unidade do culto, o centro de reunião da ampla memória afro-brasileira.

Desvincular as manifestações tidas como festas católicas, em sua grande maioria aparentemente distantes, do sistema africano, ou melhor, do afro-brasileiro, não é possível.

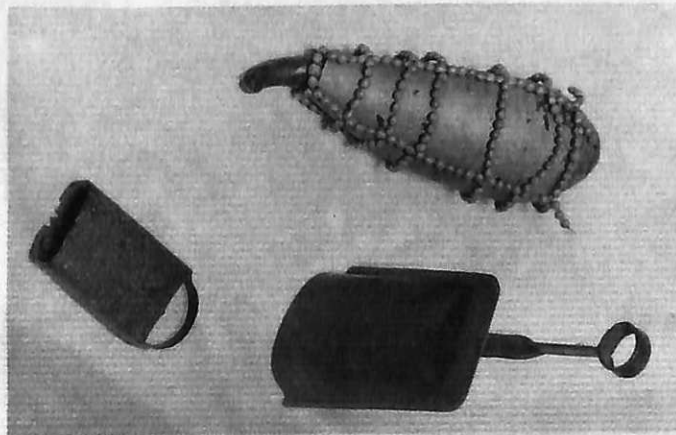
O Terreiro de Xangô como referência da ação do homem afro-brasileiro

Não se busca o exotismo da magia ou do ritual para justificar ou tentar interpretar sistemas tão sofisticados de religiosidade, ora mais sincréticos, ora mais ortodoxos, próximos da memória remota africana, ou criativos e inovadores numa relação imediata com a memória próxima afro-brasileira.

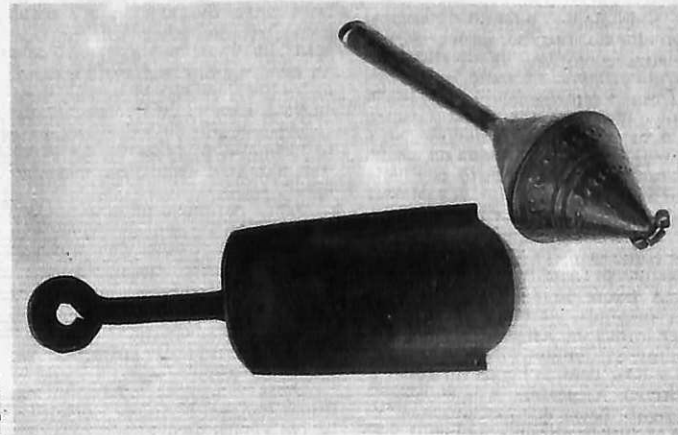
Flui, nutre, está presente, determinando a própria personalidade cultural do recifense, essa africanidade adaptada às realidades tropicais da cidade, dos motivos do clima, das frutas, das festas, da ética e da moral, que são decisivos para compreender este homem afro-pernambucano, tão complexo e tão rico étnico-culturalmente, por reunir motivos tão distintos em sua formação.

O Terreiro está distribuído na sociedade geral, enquanto modelo comportamental do cotidiano da cidade, está presente de maneira explícita ou integrante de um fluente pensamento aculturativo. É comum, faz parte, é importante, é decisivo, é co-participante, é determinante, em suma atua, aciona, interrelaciona as pessoas, as instituições oficiais e privadas, os sistemas e os motivos sociais, ciclos e permanentes, nos planos do religioso e do não religioso, do permitido e do marginal, formador, co-formador das interferências do homem no seu espaço, cultura.

Raul Lody



Maracá e gonguês



Gonguê e xepi